

Machado de Assis e seus versos: um passeio guiado pelo instinto de americanidade

Mestranda Fabiana Gonçalves¹(UNESP/CNPq)

Resumo:

*A representação da paisagem americana, do indianismo, do nacionalismo, a expressão do sentimento de posse da América, e a exaltação do continente americano em textos literários estão entre os mais marcantes traços do **instinto de americanidade**. A presença de uma e/ou outra dessas características concede a obras nacionais de diferentes tempos a chamada feição americana. Machado de Assis, escritor reverenciado principalmente por sua produção em prosa, possui também uma extensa obra em verso. Dentre todos os poemas publicados pelo poeta, pode-se dizer que há poemas líricos, poemas religiosos, poemas narrativos e, unindo-se a todos esses, os poemas americanos. Assim, propõe-se neste trabalho uma apresentação da obra em verso de Machado de Assis, buscando, paralelamente, registrar em alguns de seus poemas os traços que evidenciam esse instinto e retratam, por conseguinte, a América.*

Palavras-chave: Machado de Assis; poesia; americanidade.

A produção poética

Machado de Assis, um dos mais notáveis escritores brasileiros, reverenciado principalmente por seus romances e contos, possui também uma extensa obra em verso. Dentre os poemas mais celebrados estão “Circulo vicioso”, “A mosca azul”, “Mundo interior” e “O corvo”, tradução de um poema de Edgar Allan Poe. No entanto, a totalidade dos versos machadianos supera e em muito o número desses poucos poemas.

Até os anos oitenta do século XX, a crítica machadiana, bem como o leitor, dedicava maior atenção aos romances e contos tradicionalmente ditos da segunda fase da atividade literária machadiana. Desse panorama dominado pela prosa, a poesia de Machado, considerada por muitos gênero menor, raramente fazia parte. Contudo, o fato de a obra machadiana exigir e merecer um estudo que não fique preso a escalas valorativas e, principalmente, após alguns trabalhos dedicados à poética machadiana, percebeu-se certo redirecionamento em relação aos estudos à obra do poeta Machado de Assis. A afirmação de que a atividade literária do escritor fluminense passou por um processo de maturação é inegável, todavia, para uma compreensão mais aprofundada de sua obra são de extrema importância estudos que não se limitem a examinar seus versos à sombra de suas produções tradicionalmente consideradas – e sem dúvida – obras-primas da literatura universal.

Desse modo, tem-se que da produção literária em verso selecionada pelo próprio autor resultaram quatro volumes de poesia: **Crisálidas** de 1864, **Falenas** de 1870, **Americanas** de 1875 e **Ocidentais**, publicado em 1901 juntamente com as três primeiras obras em um único volume intitulado **Poesias completas**. Para essa publicação muitos dos poemas reunidos na primeira edição das **Crisálidas**, das **Falenas** e das **Americanas** foram expurgados. Assim, dos 28 poemas compilados para a primeira edição das **Crisálidas**, 16 foram excluídos e apenas 12 aproveitados e dos 35 poemas publicados em 1870 em **Falenas**, somente 25 foram reeditados. Das **Americanas**, o único não reeditado em 1901 foi “Cantiga do rosto branco”.

Dentre todos os poemas publicados por Machado de Assis, e pensando aqui não somente naqueles reunidos em livros, pode-se dizer que há poemas líricos, poemas religiosos, poemas narrativos e, unindo-se a todos esses, os poemas americanos. Esses últimos, os poemas americanos, são assim chamados porque neles o **instinto de americanidade** aparece como um dos elementos de

maior expressão. Nesses poemas, a presença de uma e/ou outra característica, como a representação da paisagem americana, do indianismo, do nacionalismo, a expressão do sentimento de posse da América e a exaltação do continente americano marcam e evidenciam o caráter do **instinto de americanidade**.

A representação desse sentimento concede a poemas de poetas de diferentes tempos, como Gonçalves Dias, Machado de Assis e João Cabral de Melo Neto a chamada feição americana. Homero Araújo, em um ensaio intitulado “Cabral – o agressor e sua lâmina” publicado em 1995 no livro **Literatura e americanidade**, organizado por Zilá Bernd e Maria do Carmo Campos de 1995, observa que na poesia cabralina “a americanidade encontra um autor obsessivamente preocupado com a paisagem [...] mais do que examinar, põe em questão a situação e uma possível identidade americana.” Na obra em verso de Machado de Assis, tal instinto ora se apresenta explicitamente, por meio da manifestação do orgulho do berço ou por meio do descritivismo da natureza, assim como em Cabral, ora se incorpora à filigrana do texto poético.

Os versos e os versos americanos de *Falenas*

Antes de efetivamente demonstrar com mais detalhes a presença desse instinto na poesia machadiana e, por conseguinte, a retratação da América, convém lembrar alguns poemas do conjunto das **Falenas** a fim de evidenciar, de modo geral, o estilo poético de Machado de Assis. “Quando ela fala”, poema feito em homenagem à Carolina, esposa de Machado de Assis, cheio de graça e suavidade, é um exemplo de poema lírico. “Visão”, que traz em sua “espinha dorsal” o antagonismo entre Roma e Cristandade, pode ser considerado um poema religioso. “A Elvira”, que é uma tradução do poema homônimo do poeta francês Lamartine e “Uma ode de Anacreonte” podem ser considerados poemas narrativos, pois apresentam personagens, enredo, ou como diriam os ingleses, um *plot*. Versos da estrofe LIV de “Pálida Elvira” marcam o diálogo entre “narrador” e “leitor”, tão ao gosto machadiano, e demonstra o caráter narrativo do poema:

Resumamos, leitora, a narrativa.
Tanta estrofe a cantar etéreas chamadas
Pede compensação, musa insensível,
.....

(ASSIS, [org. Cláudio Murilo Leal] 2008, p. 189)

No entanto, não são somente as histórias que são dignas de apreço e atenção nos poemas das **Falenas**, neles há também a presença de algumas características que contradizem a opinião de alguns poucos estudiosos da literatura brasileira, entre eles a do crítico contemporâneo a Machado, Sílvio Romero:

A índole do talento de Machado de Assis é inteiramente alheia à verdadeira poesia. Nem lírico e nem épico poderá jamais ser. Para lírico, falta-lhe, por um lado, imaginação vivaz, alada, apreensora, capaz de reproduzir cenas da natureza ou da sociedade, e daí a sua incapacidade descritiva e seu desprazer pela paisagem (...) (ROMERO, 1992, 69)

Imaginação, graciosidade e leveza, apesar do rigor formal conferido aos poemas, são qualidades constantes em **Falenas**. “Flor da mocidade”, um poema constituído por 25 versos, evidencia a imaginação do poeta não reconhecida por Sílvio Romero. Não obstante a impressão de

clausura proporcionada pela severidade na construção formal, o poema revela lirismo, apresenta vários elementos da natureza e representa uma das características que melhor expressam o **instinto de americanidade**, o nacionalismo. Tal atitude corrobora a afirmação de que Machado de Assis sentia sim o seu país, ainda que não o demonstrasse de maneira tão explícita. Fato este verificado também em seus poemas.

Prova disso também são as muitas reminiscências da paisagem americana verificadas nos poemas das **Falenas**, certo é que na maioria das vezes são tão ligeiras quanto os insetos dos quais o escritor fluminense se valeu para intitular a obra (**falenas é uma espécie de borboleta**). Dizendo de outra maneira, os traços que marcam o **instinto de americanidade** em **Falenas** são representados menos por meio de referências ao herói nacional (índio) ou pela explicitação do apreço e orgulho de posse da América do que pela retratação de elementos da natureza, porém, embora apareça em muitos dos poemas desse volume, o tema da natureza, ou melhor, seus elementos, não chegam a ser o motivo central dessas poesias.

De fato, no livro publicado em 1870, **Falenas**, prevaleceu a tentativa do autor em representar seu país da maneira como ele próprio viria a retratar em 1873 em seu famoso ensaio intitulado “Instinto de nacionalidade”, isto é, manifestando seu sentimento íntimo. Todavia, seria no mínimo precipitada a afirmação de que somente os sentimentos íntimos estariam presentes em **Falenas**, mesmo porque, como dito anteriormente, há muitos poemas que esteticamente apresentam construções realizadas por meio de elementos da natureza, como metáforas, comparações, rimas, enfim, são vários os momentos em que a paisagem americana é lembrada pelo poeta.

Desse volume, talvez o poema “Manhã de inverno” possa ser considerado o mais “americano”. Nele, a paisagem americana e principalmente o orgulho do berço são elementos fortemente marcados.

Pensando na gradação sugerida pelo próprio Machado de Assis, através dos títulos das obras – a evolução da “lagarta”, indicada pelo título do primeiro livro de poesia, **Crisálidas**, que representaria sua fase inicial, para a “borboleta”, indicada por **Falenas**, segundo livro, portanto, forma mais perfeita, ou pelo menos mais completa do que a anterior, a estrutura formal de “Manhã de inverno” – a estrutura formal de “Manhã de inverno”, não apenas corrobora a veracidade desse pensamento, mas também prenuncia o poeta rigoroso do último volume, **Ocidentais**.

Assim, nos trinta e dois versos distribuídos em oito quartetos do poema “Manhã de inverno”, o poeta empregou, sem deixar espaço para a mínima falha, as rimas ABCB, sendo que em cada um dos quartetos as rimas são apresentadas de forma particular. O vocabulário utilizado; muitos substantivos, às vezes acompanhados de adjetivos, cujas características nos remetem ao clima tropical do Brasil, colaboram para o sentido global do texto que é a louvação do clima e da natureza brasileiros.

Palavras como **aurora; sol; luz brilhante; folhas; laranjeiras; flores; planta; pássaros; esplêndido cenário** são utilizadas para caracterizar o clima brasileiro. Entre os versos onde essas palavras surgem e, com isso, a idéia de orgulho de “estar” e “pertencer” à América torna-se mais evidente são **Erma de flores, curva a planta ao colo** (presente no quarto quarteto) e, um dos mais expressivos: **Canta a orquestra dos pássaros no mato** (que está no último quarteto). O primeiro sugere, em uma espécie de contraponto aos países europeus, a natureza de um país “americano”, o Brasil, uma vez que nas terras brasileiras as árvores com flores são mais comuns do que na Europa; no segundo, o eu lírico compara os pássaros da natureza brasileira com uma orquestra, ora, não é de bom tom e nem comum, uma orquestra que desafine.

Em relação aos quartetos, podem ser mencionados o quinto e o sétimo, exatamente por suas claras exaltações ao cenário americano:

.....
Gelo não cobre o dorso das montanhas,
Nem enche as folhas trêmulas a neve;
Galhardo moço, o inverno deste clima
Na verde palma a sua história escreve

.....
Sobe de todo o pano; eis aparece
Da natureza o esplêndido cenário;
Tudo ali preparou cos sábios olhos
A suprema ciência do empresário.

(ASSIS, [org. Cláudio Murilo Leal] 2008, p. 105)

Com a metáfora que diz ser o inverno ao qual se refere um “galhardo moço”, o eu lírico esclarece que não está retratando qualquer inverno, trata-se, na verdade, de um inverno mais ameno e positivo. A idéia é finalizada com os versos seguintes, cujos sentidos se completam, formando um “enjambement”; nesses versos, diz o eu lírico que aparece um cenário esplêndido da natureza e que tudo fora criado sabiamente pela ciência do empresário.

Deste mesmo poema, vale ressaltar ainda o último quarteto, que diz:

.....
Canta a orquestra dos pássaros no mato
A sinfonia alpestre, — a voz serena
Acorda os ecos tímidos do vale;
E a divina comédia invade a cena.

(ASSIS, [org. Cláudio Murilo Leal] 2008, p. 105)

No último verso “**E a divina comédia invade a cena**”, pode-se considerar que há uma referência à obra **Divina Comédia** de Dante Alighieri (1265-1321), mas precisamente ao poema **Paraíso**. Com essa referência, o eu lírico compara a natureza de sua região ao **Paraíso** de Dante, ou seja, por meio dessa alusão, a idéia de louvação e orgulho ao “berço”, agora de forma mais contundente, é expressa.

Entre os dispersos, um poema americano

Para encerrar este vôo conduzido pelas asas das falenas aos versos machadianos, convém lembrar “Minha musa”, poema publicado na *Marmota Fluminense* e não incluído por Machado de Assis em nenhuma obra. Um dos primeiros a ser produzido, esse poema de forma parnasiana e conteúdo romântico representa de modo geral a disformidade apresentada pela poética machadiana. Com respeito a isso, um crítico contemporâneo seu, José Veríssimo, no texto “O Sr. Machado de Assis, poeta”, publicado no *Jornal do Commercio* em 1901 a propósito do volume *Poesias completas*, já com a reconhecida dificuldade em vincular Machado de Assis a um único período literário, afirmou: “Como poeta, (Machado de Assis) não foi propriamente romântico, nem propriamente parnasiano, nem propriamente naturalista, e foi simultaneamente tudo isto junto.” (UBIRATAN, 2003, p. 248).

A desconformidade entre forma e conteúdo de “Minha musa” pode ser exemplificada pelos primeiros do poema:

A Musa, que inspira meus tímidos cantos,
É doce e risonha, se amor lhe sorri;
É grave e saudosa, se brotam-lhe os prantos,
Saudades carpindo, que sinto por ti.

.....
(ASSIS, [org. Cláudio Murilo Leal] 2008, p. 634)

Nesses versos, a subjetividade e o sentimentalismo estão encapsulados pelo “pretenso” rigor formal tão ao gosto dos poetas parnasianos. Contradição? Discordância? Antes de sugerir qualquer problema, esse estilo de fazer poesia machadiano, já nos seus inícios, evidencia, a seu modo, o tom enviesado que acompanhará toda a literatura machadiana.

Também num discurso romântico a América, ou melhor, o Brasil é louvado em “Minha musa”. É a musa, figura supervalorizada pelo poeta, que “traça” em sua mente um nome carregado de afeto: Brasil. Assim, com um teor ufanista, o eu lírico diz:

.....
A Musa, que o ramo das glórias enlaça,
Da terra gigante – meu berço infantil,
De afetos um nome na idéia me traça,
Que o eco no peito repete: – Brasil!

.....
(ASSIS, [org. Cláudio Murilo Leal] 2008, p. 634)

Nesse trecho do poema, o nacionalismo e a exaltação da pátria, dois traços que evidenciam o **instinto de americanidade** encontram expressão máxima. Ao caracterizar seu país de “terra gigante”, o eu lírico, ao mesmo tempo em que retrata o Brasil, também manifesta seu orgulho pela pátria e o orgulho de pertencer a essa pátria. Nos dois últimos versos a americanidade é representada pelo modo caloroso com o qual o eu lírico fala de seu país. A musa faz-lhe surgir na mente (na mente do eu lírico) um nome recoberto de afetos que o eco no peito, ou seja, no coração, repete, o do Brasil.

O fim como resposta ao começo

Com essa sucinta apresentação dos poemas de Machado de Assis pelo viés da americanidade, é possível depreender que este é um dentre os muitos temas presentes na poesia machadiana. Além disso, através da exposição de suas obras em verso, nota-se que Machado manteve uma contínua e intensa produção nesse que é um dos gêneros pelos quais transitou menos prestigiado desde seus inícios. Essa perspectiva em relação ao poeta Machado de Assis foi sendo alimentada durante as décadas seguintes ao lançamento de seus livros, porém, nos últimos anos percebeu-se maior interesse por parte da crítica em (re)visitar e analisar sob outros prismas os versos machadianos. Talvez esses estudos não venham revelar exatamente o oposto àquela idéia disseminada pela crítica dos dezenove e perpetuada pelas décadas seguintes, mas, sem dúvida, contribuirá de maneira significativa para uma compreensão mais aprofundada e completa do universo multifacetado que é este o do Bruxo do Cosme Velho.

Referências Bibliográficas

- [1] ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa*. (org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: José Aguilar, 1997, v. 3. 9. reimp.

- [2] ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis* (org. Cláudio Murilo Leal). Rio de Janeiro: Record, 2008.
- [3] BERND, Zilá, CAMPOS, Maria do Carmo (orgs.). *Literatura e americanidade*. Porto Alegre, RS: UFRGS, 1995.
- [4] BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 7. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- [5] BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.
- [6] BROCA, Brito. *Americanos* (org. Miriam Gárate). Campinas, SP: UNICAMP, 1998.
- [7] CAIRO, Luiz Roberto. A crítica romântica brasileira e a nossa América: Varnhagen e Macedo Soares e o instinto de americanidade. In: D' ANGELO, Biagio (org.). *Espacios y discurso compartidos en la literatura de América Latina*. Lima: Fondo Editorial UCSS, 2004. p. 95-113.
- [8] FIGUEIREDO, Eunice. (org.) *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF; Niterói: EdUFF, 2005.
- [9] MACHADO, Ubiratan. (org.) *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- [10] ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Campinas, SP: Unicamp, 1992.

Autor(es)

¹ **Fabiana GONÇALVES, Mestranda**
Universidade Estadual Paulista (UNESP)
E-mail: fabivotu@yahoo.com.br